



Lopes de Araújo

## Conto de Natal

# O Retrato

*Ao meu bom amigo João que me inspirou esta história.*

Ia fazer 80 anos. Queria que nesse dia estivessem com ele a família mais próxima e, claro, os amigos de uma vida. Tivera uma carreira de sucesso, disso não se podia queixar.

Na ilha, nos anos cinquenta do século passado, vivia-se um tempo de dificuldades e muita pobreza. Filho de pais da pequena burguesia local, fora um privilegiado em ter tido a oportunidade de ir estudar para Coimbra com uma bolsa de estudo da Junta Geral. Formara-se em direito com elevada classificação e fizera o Curso complementar de Ciências político-económicas com distinção. Ao longo de uma vida que já ia longa, cruzara-se com muitos conhecidos, clientes, colegas do foro e novos amigos de circunstância que foi fazendo. A maior parte destes foram também rapidamente desaparecendo quando deixou a atividade profissional e a notoriedade pública que ganhara, mesmo a nível nacional. Agora que pretendia assinalar uma data importante nessa longa caminhada, ocorriam-lhe de imediato os amigos da escola primária, aqueles amigos de infância que nos marcam e ficam para toda uma vida mesmo que não os vejamos com frequência.

Pegou no velho álbum que guardara no armário do escritório e folheou-o. Fotografias do casamento dos pais, do seu próprio batismo e aquela de menino ainda de bibe com um cavalo de madeira. Foi passando os dedos pelas folhas de papel vegetal e pelas fotografias já amareladas que se soltavam dos cantos autocolantes. Hoje ninguém já sabia o que era isto, nem o que eram álbuns nem fotografias, nem os rolos da Kodak e da Agfa que custavam caro, instantâneos tirados com parcimónia pela velha Brownie de fole do Pai, apenas usada em ocasiões especiais, já que a revelação custava também uma fortuna.

Numa das primeiras páginas estava a fotografia que procurava, uma ampliação que ocupava a página inteira do álbum. Lá estava o professor Cunha de barba aparada, mas cheia, vestido de bata branca, por baixo o fato e o laço que sempre usara, sentado bem no centro de vinte e poucos rapazes todos na casa dos oito, nove anos. Todos em pé ladeando o professor. Foi passando o dedo pelos rostos dos colegas da segunda classe. Conhecia-os a todos. Uns tinham emigrado para os Estados Unidos e Canadá e por lá tinham ficado. Dois ou três tinham vivido em Lisboa e com estes mantivera sempre o contacto e muitos... mesmo muitos outros, já tinham morrido. Enviara convites a todos aqueles de quem conseguira saber o endereço. O filho mais novo e o neto ajudaram-no nessa tarefa de pesquisa, recuperando através das redes sociais, muitos dos contactos perdidos.

Iria ter consigo uma boa meia dúzia de colegas da escola primária. Porém e com muita pena sua, não conseguira saber do paradeiro do seu melhor amigo. Era aquele que partilhava consigo a carteira de madeira envernizada com tinteiro de loiça, logo na primeira fila da velha escola do Centenário na Rua do Rossio, no Largo da Vila.

Era o Carlinhos, o seu melhor amigo, porém ele... ele não estava no retrato. A mão magra afagou a fotografia e os olhos humedeceram-se por momentos.

.../...

O professor Cunha tinha feito o Liceu completo com boa nota e distinguira-se não tanto como bom aluno, mas antes como poeta e *diseur*, com gosto pelo teatro a par de alguma boémia que envolvia a Academia da época. Vivia-se o pós-guerra, tempos difíceis em que o emprego não abundava. A Escola Normal ia desaparecer para dar lugar à Escola do Magistério e entretanto, face à necessidade de professores, foram formados intensamente novos Mestres, entre aqueles que apenas procuravam um trabalho qualquer que fosse e os que verdadeiramente nutriam a paixão de ensinar. Mais do que uma profissão, é uma vocação, como bem ensinava o pedagogo Adolfo Lima, professor da Escola Normal, cujo manual os novos professores eram obrigados a ler do princípio ao fim.

Tinha então pouco mais de vinte anos quando foi colocado naquela escola da costa norte. Vivia na Arquinha, na cidade. Todos os dias montava na sua bicicleta Peugeot para atravessar a ilha de um lado ao outro, a pasta presa na traseira onde iam os livros e o seu almoço de todos os dias,

meio pão de quilo com queijo fresco, duas bananas e uma garrafa de leite. Precisava de se alimentar bem, já que recuperava de uma febre tifoide que o ia levando desta para melhor. Era uma viagem dura, dez quilómetros para cada lado, subindo o Pico Salomão e a Serra Gorda. Quando se apanhava lá no alto, tudo era mais fácil, já que o resto da viagem era a descer até à Rua do Rossio. Todos os dias uma hora para cada lado. Era mais difícil nos dias de inverno, de nevoeiro cerrado ou quando a chuva o fustigava com violência, coberto com a gabardine que chegava à escola enopada. Mas sempre era melhor do que esperar ao fim do dia pela camionete, que só fazia uma viagem de manhã e outra à tarde e acabava por levar quase o mesmo tempo que ele levava de bicicleta.

Mas gostava do que fazia. Gostava das suas crianças e acompanhava-as da primeira à quarta classe.

Faltava pouco para o Natal. Avisara os alunos que dali a dois dias o fotógrafo viria da cidade, fazer uma fotografia da turma na Escola. Depois disse que quem quisesse ou a pudesse comprar, poderia ir ao Garcia à cidade, dali a uma semana, que já lá estaria disponível.

A sala ficou em grande excitação. Naquela altura ir ao fotógrafo era só para as famílias que tinham mais posses. Mas estava-se a duas semanas das férias de Natal e o fotógrafo lembrou-se de que poderia andar pela ilha fazendo fotografias nas escolas. Todos queriam ficar na fotografia, mesmo sabendo que poucos pais teriam dinheiro e possibilidade de ir à cidade, comprar a recordação.

No dia apazado, o fotógrafo chegou cedo no seu velho Morris preto, montou a aparelhagem com dois guarda-chuva pintados de prateado que serviram de refletor, a câmara com várias lentes no tripé de madeira e dois projetores fortes que fizeram a delícia da miudagem.

Feita a fotografia e depois da partida do fotógrafo, o Professor Cunha mandou todos para a sala, que o intervalo já fora longo. Só aí, ao olhar para a turma, deu pela falta do Carlinhos.

Estaria doente? O Carlinhos nunca faltava e era dos melhores alunos. Tinha um olhar vivo e curioso, era inteligente, isso percebia-se logo. O Professor Cunha via nele uma enorme capacidade e pensava que crianças como ele nunca chegariam mais além, por não terem possibilidades económicas. Era filho de um pescador que, quando havia baleia, também saía para o mar na armação das Capelas.

Logo que acabou a escola, foi a caminho do Porto à Casa do Carlinhos. Ele não estava e foi a mãe que abriu a porta ao professor, limpando no avental as mãos sujas de farinha do pão que amassava.

.../...

Que sim ...sabia que o Carlinhos não fora hoje à escola e era... porque... hesitou em dizer... não queria ficar na fotografia descalço. Era o único menino da escola que não tinha sapatos.

Na semana seguinte estava a escola fechada para férias.

O Professor Cunha foi à sapataria *Eleiela* e comprou umas botas com atacadores resistentes. Pegou na bicicleta e fez de novo vinte quilómetros para ir ao outro lado da ilha. Desta vez foi diretamente à Rua do Porto. Dois dias depois na noite de Natal o Carlinhos recebeu uma prenda de Natal num caixote do *Eleiela* embrulhado num papel com sinos vermelhos!

